

Este número da *Revista Estudos Feministas* traz uma grande diversidade de temas, com um dossiê que se debruça sobre a questão de mulheres e meio ambiente e com artigos que, analisando práticas, narrativas, performances e poéticas, contemplam temas como sexualidade, corporeidade, arte e política, mais especificamente mulheres na política.

Escrevemos este editorial no momento em que se fechou o segundo turno das eleições presidenciais no Brasil, quando, pela primeira vez na história republicana do país, uma mulher foi eleita presidente, tendo concorrido no primeiro turno com outra mulher, cujas práticas em defesa das causas ambientais a alçaram à posição de ministra do Meio Ambiente e possibilitaram sua candidatura à presidência, com um resultado que empurrou o pleito para o segundo turno. A eleição polarizou essas duas mulheres com um político que aglutinou em torno de si a maior expressividade das forças conservadoras do país, mesmo que a sigla de seu partido o denomine de socialista.

As eleições de 2010 para presidente e governadores do Brasil deverão merecer extensa produção de análises em todas as áreas de ciências sociais e humanas, extrapolando mesmo as fronteiras do país. A vasta gama de material produzido no decorrer do processo eletivo será, certamente, de interesse especial para estudiosas/os feministas e de gênero, pelos temas que dominaram as disputas e os rumos das campanhas eleitorais. Destacam-se, em especial, a questão da descriminalização do aborto e, enredado nesse tema, o problema das influências religiosas (com manifestações de padres, bispos, pastores e do próprio Papa) nas eleições e na definição de políticas públicas de um Brasil que se pretende laico. Uma outra questão que deve se impor à análise feminista é a do tratamento desqualificador das mulheres (ou seria mais conveniente dizer da Mulher?), como pouco preparadas e incapazes para o exercício do poder executivo, além da apelação recorrente às qualificações pejorativas ou desabonadoras do feminino. Merecerá ainda atenção o tema do papel da mídia impressa e televisiva nas campanhas políticas, reforçado pela importância e simultaneidade da Internet no

processo eleitoral. Tais estudos certamente virão. O importante neste editorial é tomarmos como marco desta eleição a frase significativa da Presidenta: *Sim, nós podemos*. Esta proposição, já usada em outros contextos internacionais, assume aqui no editorial da REF o mo(vi)mento que nos tem motivado a pensar os feminismos e as conquistas das mulheres. Nós podemos.

Em consonância com este momento e dando prosseguimento a uma tradição de revistas feministas e da REF (em artigos, dossiês, seções temáticas), este número apresenta vários textos sobre o tema mulheres e/na política.

O artigo "Práticas de gênero e carreiras políticas: vertentes explicativas", de Luis Felipe Miguel e Flávia Biroli, trata da sub-representação das mulheres nas esferas do poder político, por meio da análise das distintas abordagens que buscam explicar o problema, e que, segundo Miguel e Biroli, se diferenciam em função do tratamento dado à questão mais ampla do ideário liberal que estabelece os limites das democracias concorrenciais contemporâneas.

O artigo de Amparo Novo Vázquez, "El camino hacia el empoderamiento político de las mujeres", apresenta a participação das mulheres em parlamentos autônomos, nacionais e internacionais, da Espanha, centrando-se no caso do Principado de Astúrias. Considerando o incremento do número de mulheres na composição do parlamento de Astúrias nas últimas décadas, a autora problematiza aspectos que dificultam o exercício do poder político pelas mulheres, sejam eles estruturais ou subjetivos, emocionais. Utilizando instrumentos quantitativos e qualitativos de pesquisa, Vázquez analisa o avanço ainda lento da participação feminina no parlamento.

No texto "Los 'sistemas de cuota' y sus efectos en los parlamentos nacionales y los partidos políticos", a cientista política da Universidad Complutense de Madrid Gema Sanchez Medero, partindo da concepção de que a instituição do sistema de quotas de gênero se converteu em instrumento ideal para garantir a incorporação das mulheres na política, ressalta a importância de investigar o impacto que tal medida pode estar provocando, não só no aumento da participação feminina nos parlamentos, mas também nas diferentes instâncias de poder. A autora analisa, como condicionantes para a efetividade das medidas de ação positiva nos diferentes países, as condições socioculturais, os sistemas eleitorais, a incorporação das mulheres nos níveis de decisão dos aparatos partidários. Considera que, embora tenha havido avanços com a implantação do sistema de quotas, não se logrou ainda uma real paridade entre mulheres e homens na política.

Claudia Anzorena, autora do artigo "'Mujeres': destinatárias privilegiadas de los planes sociales de inicios del siglo XXI – Reflexiones desde una perspectiva crítica de género", analisa as medidas sociais implantadas na Argentina, e na

América Latina em geral, destinadas a atenuar as condições de pobreza decorrentes das políticas neoliberais, centralizando a análise nas formas como essas medidas afetam as mulheres, suas destinatárias privilegiadas. Anzorena considera que as políticas públicas paliativas das situações de pobreza, que se fundam na concepção de uma família universal com divisão sexual de trabalho, muitas vezes produzem efeitos no sentido de reforçar as funções domésticas das mulheres, consolidando estereótipos do feminino. Critica os sistemas políticos dos Estados neoliberais que responsabilizam os indivíduos, especialmente as mulheres, por seu lugar dentro do sistema, eximindo-se de suas atribuições por meio de políticas paliativas que não questionam as estruturas sociais produtoras da pobreza, ou as desigualdades das relações de gênero.

Num sentido mais amplo de política, o de política cultural, dois artigos deste número abordam importantes questões nos campos da literatura e da arte visual. O primeiro, "Mulheres caribenhas escrevem a migração e a diáspora", de Carole Boyce Davies, discute obras de escritoras caribenhas produzidas tanto em suas nações de origem quanto nos países para os quais migraram. Ao identificar algumas das preocupações centrais das narrativas, Boyce Davies busca delinear a experiência dessas mulheres como um documento histórico marcado pelo gênero que permite compreender mais claramente os múltiplos movimentos da diáspora caribenha e das migrações em geral.

O segundo artigo, de Rui Pedro Fonseca, analisa "O ativismo estético feminista de Nikki Craft", considerando a produção cultural heterossexual compulsiva como condição importante para a emergência de valores misóginos de gênero na sociedade, na medida em que reproduz representações diferenciadas e assimétricas dos sexos. Em seu estudo o autor se propõe, pela análise de algumas campanhas protagonizadas pela feminista radical americana Nikki Craft nas décadas de 70 e 80 em cidades dos Estados Unidos, criticando estruturas culturais nos campos da arte, das instituições de beleza e da indústria pornográfica, discutir as motivações e estratégias levadas a cabo pelo ativismo feminista da artista.

Finalizando a seção de artigos, em "Swing, o adultério consentido", Olívia von der Weid discute aspectos das relações afetivo-sexuais entre casais praticantes do *swing*, tentando compreender como se articulam amor, sexo e prazer nessas relações. A partir da análise dos discursos de casais adeptos da troca consentida de parcerias sexuais sobre suas concepções de conjugalidade, sexualidade, infidelidade, a autora conclui que a proposta *swinger* incluiria uma poligamia sexual, preservando ao mesmo tempo uma monogamia amorosa. Assim, a separação entre amor e sexo seria um dos princípios fundamentais daqueles que aderem a essa prática

e que buscam, na vivência de uma maior liberdade sexual, a manutenção da fidelidade amorosa, contradições que, no entender da autora, reproduzem as formas como se vivenciam a sexualidade, o casamento, a infidelidade e a identidade de gênero nos tempos atuais.

Dois outros textos compõem a seção Ensaio. Em “Mulheres, negros e outros monstros: um ensaio sobre corpos não civilizados”, Jonatas Ferreira e Cynthia Hamlin exploram a construção do dualismo entre civilização e barbárie, uma das dicotomias que marcam o mundo ocidental, cujo discurso civilizador estabelece um complexo jogo de exclusão e inclusão de um Outro, que funda sua própria identidade. A visão científica que substituiu a percepção medieval da alteridade abriu caminho para a criação de um Outro monstruoso e perigoso, identificado, sobretudo, com os negros e as mulheres, e legitimou a circulação de corpos “monstruosos” como mercadorias. Ferreira e Hamlin analisam como paradigmático o caso de Sara Baartman, a “Vênus Hotentote”, considerando que a negociação política de seu status ontológico durante os séculos XIX e XX representa o esforço para estabelecer as fronteiras de civilidade que determinam a exclusão e inclusão dos corpos incivilizados.

No ensaio “Narrativas da sexualidade: pressupostos para uma poética *queer*”, Anselmo Peres Alô (re)considera a textualidade como “lugar de encenação de uma ficção política que questiona os regimes heteronormativos do sexo e do gênero”, fornecendo “uma estratégia de resistência baseada tanto nos corpos e nos prazeres quanto nas políticas de representação e reinvenção das masculinidades e das feminilidades”. Conforme argumenta o autor, ao permitir que se reescrevam subjetividades e sociabilidades, a literatura permite evidenciar contradições de raça, classe e gênero, estabelecendo uma poética *queer* que, ao projetar novos arranjos sociais, se constitui como lugar de intervenção cultural.

O dossiê Mulheres e Meio Ambiente retoma o tema do primeiro dossiê da *Revista Estudos Feministas*, publicado na sua histórica edição inicial de 1992.¹ Seu título intencionalmente ecoa esse primeiro dossiê – Mulher e Meio Ambiente –, elaborado na esteira da Conferência Internacional – ECO 92, realizada no Rio de Janeiro, que projetou a importância da discussão feminina sobre as questões ecológicas, na tenda do Planeta Fêmea que abrigou inúmeras delegações de mulheres, vindas de diferentes países. Ao utilizar a categoria *mulheres* (e não *gênero*), o título reflete também, e ainda, o peso das articulações conceituais entre mulheres/natureza/naturalizações/essencialismo, especialmente quando o foco das análises está centrado nas questões de mulheres do meio rural, como é o caso de vários dos artigos que compõem esse dossiê. Como ressaltam o/as

¹ Revista Estudos Feministas, Rio de Janeiro, CIEC/ECO/UFRJ, v. 0, n. 0, 1992.

organizador/as na apresentação, os artigos do dossiê, ao evidenciarem a permanência de concepções ecofeministas em muitas pesquisas sobre gênero e meio ambiente, podem contribuir para a reflexão crítica sobre o tema, que neles é abordado a partir de diferentes perspectivas teóricas.

As resenhas que fecham este número da REF acrescentam, como sempre, novos e importantes títulos aos numerosos trabalhos sobre gênero produzidos em nosso espaço acadêmico e cultural.

Não poderíamos encerrar o Editorial sem mencionar o continuado e dedicado trabalho das várias editorias da Revista, bem como da equipe de colaboradores/as e das/os pareceristas externas/os. Um agradecimento especial à colega Zahidé Muzart, que muito nos tem ajudado nos contatos com artistas e na seleção das obras que ilustram as capas da REF.

Mara Coelho de Souza Lago
Susana Bornéo Funck